



Veredas atemática

Volume 19 nº 2 – 2015

Perguntas retóricas: entre a gramaticalização e a discursivização

Camilo Rosa Silva (UFPB)
José Carlos Lima dos Santos (UFPB)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo estudar as perguntas retóricas, à luz do funcionalismo linguístico, no que diz respeito aos processos de gramaticalização e de discursivização (VALLE, 2000; HERRING, 1991). Para isso, é feito um mapeamento, qualitativamente, dos contextos interrogativos, em que se controla o funcionamento do par pergunta-resposta, mais precisamente, das perguntas retóricas. Os dados evidenciam que, além de funcionarem na organização do texto como mecanismos de coesão e coerência, as perguntas retóricas assumem funções pragmático-discursivas de base interativa.

Palavras-chave: perguntas retóricas; funcionalismo linguístico; gramaticalização; discursivização.

Introdução

Estudar a língua em uma perspectiva funcionalista significa considerar, além dos recursos linguísticos disponíveis, parâmetros extralinguísticos, no sentido de mostrar como conceptualizamos nossas experiências por meio da dinâmica da língua (Cf. HEINE, 1993). Nessa perspectiva, pretende-se, neste artigo, evidenciar o funcionamento

das perguntas retóricas por meio dos processos de gramaticalização e de discursivização, os quais são tomados, nesta análise, como processos distintos¹.

Observamos, na literatura existente, que as pesquisas sobre o par dialógico pergunta-resposta, doravante P-R, são realizadas na perspectiva da forma, ou na relação forma-função. Com base nessa abordagem (forma-função), traçamos um contínuo de gramaticalização que atesta o funcionamento das perguntas: *plena* > *retórica* > *semirretórica* (Cf. SANTOS, 2011; FREITAG, 2009), por meio de dois critérios principais que caracterizam as perguntas: [+entonação ascendente] e [+presença de resposta]². Este último (presença de resposta) representa o traço mais prototípico da categoria, uma vez que a função canônica da categoria pergunta baseia-se na busca de informação.

A pergunta *plena* (PP)³ caracteriza-se pela presença dos dois traços citados, ou do traço mais prototípico [+presença de resposta], por ser respondida pelo interlocutor. Pode não existir o traço [+entonação ascendente], como ocorre com as perguntas indiretas, mas a resposta é elicitada no momento da interação. No excerto (1), há um exemplo de PP, qual seja:

Excerto [1]

E* (Hes.) *Se você ganhasse na loteria, o que você faria com o dinheiro?*

I* Eu: comprava muitas coisa0 p0a família, porque eu o que eu tô precisano assim negócio de fogão, comprava um apartamento, pra mim pra num vive0 morano em quintal dos ôto0. Comprava muita coisa pra mim. O que eu precisava. O que eu comprava comprava um telefone pra mim (VALPB, fala feminina, p.03, 2005).

Em (1), o entrevistador formula uma pergunta que é respondida pela informante, e que apresenta os dois traços prototípicos caracterizadores da categoria, ou seja, a pergunta funciona em sua forma canônica de realização.

Por sua vez, a pergunta *semirretórica* (PSR) apresenta os dois traços prototípicos definidores das perguntas, porém há um redirecionamento na ocorrência do traço [+presença de resposta] pelo fato de o próprio falante formular e responder a pergunta, o que aponta para o início de mudança na realização desse traço, ou melhor, indica que houve um enfraquecimento semântico no uso da PP. Isso justifica a ocorrência do prefixo *semi*, que sinaliza a não realização do traço [+presença de resposta] no próximo estágio do contínuo. O excerto (2) evidencia um exemplo de PSR:

¹ Assumimos os dois processos de mudança como distintos por entendermos que ocorrem em níveis diferentes de análise, os quais determinam a natureza funcional dos itens que passam tanto por um, quanto por outro. (Cf. Valle, 2000, p. 104).

² O critério presença de resposta pressupõe instauração de interatividade na realização das perguntas, já que, na perspectiva do funcionalismo linguístico, “há evidências de interação na implementação estratégica de unidades linguísticas como recursos para a formulação de perguntas e respostas” (SANTOS, 2014, p. 302).

³ A título de explicação, pergunta plena é caracterizada por PP; pergunta semirretórica por PSR; pergunta retórica por PR e pergunta retórica com estatuto de marcador discursivo por PRMD.

Excerto [2]

E* Sei. Eliane, se você pudesse, o que você mudaria no mundo?

I* Mudaria tudo, tantas coisa pra serem mudada. Esses, ói, e principalmente esses negócio de de de deputado, olhe, eu detesto deputado. Jamais eu votarei mais num deputado desse, porque você tá venø o que tá acontecenø aí no no no Congresso. É muito roøbo, com esse tanto de dinheiro que esses deputado ganham, enquanto a gente, o o povo ganha um salário de quinze mil e o governo acha que da pra quê? O que é que dá um um salário de de quinze mil pra quem paga água, aluguel, fazer feira? Num dá pra nada (VALPB, fala feminina, p.37, 2005).

A informante, em (2), ao responder a PP do entrevistador, formula duas PSRs encadeadas e relacionadas aos mesmos segmentos tópicos, e que são respondidas na sequência da fala. Constatamos a presença dos dois traços de prototipicidade nessas perguntas. No entanto, o traço [+presença de resposta] é redirecionado, como foi falado antes, para a fala do autor da pergunta, o que foge da realização plena da categoria: o falante pergunta e o ouvinte responde, e que aponta para um princípio de mudança na realização da resposta no par P-R, que se concluirá no próximo estágio do contínuo de perguntas.

Já a pergunta *retórica* (PR) é formulada para não ser respondida. O traço [+presença de resposta] é apagado em termos de codificação linguística, porém o traço [+entonação ascendente] é mantido, isto é, continua sendo interrogativa na forma. O excerto (3)⁴ é exemplo de outro contexto de uso em que as perguntas exercem funções que fogem de seu esquema prototípico, observe-se:

Excerto [3]

I ... tem hora que enche, sabe? Mas a gente num pode dizeø nada, né? E tem umas muléø lá da rua também fala diferente, só porque foi pøo Rio de Janeiro, passou dois mês, aí chegou falanø carioca. Chegou assopranø, *quem já se viu isso?* Se pelo menos tivesse passado cinco anoø, oito anoø, mayø não. Vai, passou dois mês lá na favela e veio assopranø pøo lado da gente, é um povo besta!....(VALPB, fala feminina, p. 28, 2005).

Em (3), o informante formulou perguntas que não foram respondidas em termos de realização linguística. Isso prova que essas perguntas assumem funções textual-discursivas, e não a busca de informação por parte do locutor.

Desse modo, propomo-nos a investigar a funcionalidade das perguntas retóricas por meio dos processos de gramaticalização e discursivização. No capítulo um, discutiremos sobre o par P-R sob a perspectiva do funcionalismo linguístico; no dois,

⁴ Os dados analisados fazem parte do corpus de entrevistas sociolinguísticas VALPB - Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba, em que é feito um mapeamento qualitativo de contextos discursivos relativos às ocorrências do par pergunta-resposta. Segundo as normas de transcrição do corpus, o código ø refere-se a apagamento de massa fônica. O informante é denominado de I; o entrevistado, de E.

sobre o processo de gramaticalização de perguntas, mais precisamente, das PRs; no três, sobre o funcionamento das PRs a partir do processo de discursivização; no quarto, explicitamos a metodologia de pesquisa; no quinto, por fim, analisamos e discutimos os dados.

1. O par P-R sob a perspectiva do funcionalismo linguístico

O par *P-R* pode assumir funções diferentes no discurso, como também uma função textual pode ser codificada por diferentes estruturas interrogativas. Isso porque o paradigma teórico do funcionalismo linguístico concebe a língua a partir do uso situado contextualmente. Tal proposta considera a língua um instrumento de interação social; que sua estrutura serve a funções comunicativas e cognitivas; e que o significado é dependente do contexto, como tem proposto Givón (1995, p. 9). Conseqüentemente, é de comum acordo que o discurso alimenta o sistema linguístico, já que não se concebe a gramática da língua independente de motivações, ou pressões externas.

O funcionalismo linguístico considera que há uma relação entre forma e função, motivada por fatores comunicativos e cognitivos, que é traduzida pelo princípio da iconicidade, segundo o qual a estrutura da língua reflete, de alguma forma, a estrutura da experiência (Cf. HAIMAN, 1985).

Essas observações não nos permitem fazer distinção entre os termos *pergunta* e *interrogativa*, como o faz Oushiro (2011, p. 43), para a qual a primeira desempenha funções discursivas; a última tem a ver com as estruturas sintáticas. Trata-se de uma dicotomia que não tem fundamento na perspectiva funcionalista, pois, como foi dito anteriormente, é impossível fazer análises dos fatos da língua, elegendo, de um lado, sua sintaxe, de outro, as funções discursivas, considerando que é o discurso que molda a gramática, ou, como afirma Neves (2012, p. 50-51):

Quando se fala de descrição da língua em uso, de língua em função, fica implicado que a consideração das estruturas linguísticas se pauta pelo que elas representam de organização dos meios linguísticos que expressam as funções a que serve a linguagem[...] relações entre discurso e gramática (porque o discurso corforma a gramática, mas principalmente porque ele não é encontrável despido da gramática.

Pelo exposto na citação, fica claro que a estrutura da língua é influenciada pelo uso que se faz dela, tanto em termos comunicativos quanto cognitivos. Logo, não se pode considerar uma estrutura como interrogativa, tendo por base a sintaxe; e pergunta, tendo por base o discurso. Se assim for, as perguntas também possuem uma estrutura, o que torna difícil essa delimitação. Em vez disso, compartilhamos o pensamento de Sorjonen (2001, p. 408), que, em sua análise sobre os tipos de respostas simples a perguntas polares, toma a estrutura da pergunta como elemento organizador, como também leva em conta as estruturas epistêmicas codificadas na pergunta, a sequência de turnos e as atividades que se desenvolvem na interação.

Além do mais, concordamos com Sacks (1995), segundo o qual as perguntas são uma questão de ordem gramatical, e podem ser descritas paralinguisticamente por meio da entonação, independentemente da mensagem que veiculam. Desse modo, não se pode afirmar que as perguntas prescindem da estrutura. Nossa defesa é a de que os traços: [+entonação ascendente] e [+presença de resposta], por serem menos marcados no discurso, configuram a prototipicidade das perguntas, e que a língua dispõe de vários elementos estruturais que podem desempenhar a função de formulação de perguntas, a depender das necessidades comunicativas dos interlocutores.

Segundo Givón (1993), estruturas [+ prototípicas] são o centro das categorias por serem mais cristalizadas, e são linguística e cognitivamente mais salientes; as [-prototípicas] permanecem à margem da categoria, não sendo possível sua descrição total devido a sua flexibilidade e a possibilidade de um novo membro ser incluído.

Na perspectiva de Taylor (1989), são as entidades que caracterizam seus atributos, que, dificilmente, serão compartilhados por todos os membros de uma categoria. Assim sendo, Membros [+prototípicos] de uma categoria compartilham mais atributos, já os [-prototípicos] compartilham menos atributos e representam estruturas marginais.

A versão ampliada dos protótipos, em oposição à clássica, defende que não existe uma linha nítida de demarcação entre membros [+prototípicos] e [-prototípicos]. Para reconhecer um membro como [+prototípico], devemos considerar alguns indícios e o compartilhamento de um número maior de atributos. A frequência, nesse caso, é um dos indícios, pois estruturas [+prototípicas] tendem a ser mais recorrentes que as [-prototípicas]. Vale mencionar que a frequência é considerada como um sintoma de prototipicidade, não a sua causa (RODRIGUES, 2001).

Sob este ângulo, Taylor (1989) lembra que podemos entender protótipo como uma representação esquemática de núcleo conceptual de uma categoria. Logo, não se afirma que determinada entidade particular represente um protótipo, mas uma exemplificação de protótipo.

Podemos, portanto, argumentar que as PPs são mais prototípicas que as PSRs e as PRs, no sentido de que as primeiras, por serem mais produtivas no discurso e mais cristalizadas, canonicamente, para a função de busca de informação, representam o centro esquemático da categoria *pergunta*. Outro fator não menos importante tem a ver com o número de atributos compartilhados: as PPs, no geral, compartilham os dois traços mais prototípicos da categoria; as PSRs e as PRs, apenas um.

No que diz respeito às perguntas retóricas, Frank (1990) argumenta que, apesar de estas serem muito eficazes na realização discursiva, não há consenso, na literatura linguística, quanto a sua definição, dada a complexidade que possuem. No entanto, o autor concorda que as perguntas retóricas são formuladas para não serem respondidas, e que estas têm como função persuadir o ouvinte.

Pelo mesmo viés, Schiffrin (1994) assume que as perguntas retóricas não esperam uma resposta verbal do interlocutor, nem algum tipo de ação do ouvinte. Nesse contexto, concordamos com a concepção de Schiffrin (1994) e com a de Frank (1990), no sentido de que tais perguntas são formuladas para não serem respondidas, com a ressalva de que nosso entendimento dá-se a partir do contínuo: PP>PSR>PR, sob a perspectiva de funcionalismo linguístico, considerando a relação forma-função e os traços que caracterizam as perguntas. Consideramos, também, que as perguntas são

parte estruturante do discurso, sendo assim, estão relacionadas com o tópico discursivo⁵. Na continuidade, são abordadas as motivações discursivas que atuam no funcionamento das PRs por meio dos processos de gramaticalização e de discursivização.

2. O processo de gramaticalização das perguntas retóricas

Depois de fazermos uma sumarização sobre as regras gerais que norteiam os estudos sobre perguntas, passamos a mostrar como ocorre a gramaticalização de perguntas retóricas, tendo por base principal os estudos de Herring (1991).

O primeiro princípio questionado por essa autora, no que diz respeito aos postulados da gramaticalização⁶, é o da *unidirecionalidade*, já que o termo geralmente é estendido para explicar outros aspectos sobre gramaticalização, os quais podem ser testados ou não em línguas diferentes. Esse é o caso do processo de abstratização proposto por Heine, Claudi, & Hunnemeyer, (1991), segundo os quais os falantes de uma língua tendem a referir conceitos abstratos a partir de experiências individuais. Isso faz com que se codifiquem funções novas em formas já existentes na língua. Para Herring (1991), não existem evidências que comprovem esse fato nas línguas existentes.

Outro ponto de discordância de Herring (1991) está relacionado com a questão do apagamento semântico, ou enfraquecimento do significado, que segue, também, um processo unidirecional. A autora sinaliza que tal proposição, da mesma forma que o processo unidirecional, precisa de provas consistentes, posto que nem todas as formas de mudança pressupõem apagamento, e que o contrário, fortalecimento semântico, também pode ocorrer em outras instâncias da língua, como foi evidenciado por Traugott e König (1991), a quem Herring faz referência. Esta acrescenta que tanto o fortalecimento como o apagamento podem ocorrer em alguma instância de gramaticalização.

Além disso, Herring (1991) faz menção a outro postulado de Traugott e König (1991), que é o princípio da subjetivação, ou envolvimento do falante. Estes tomaram por base o modelo de gramática funcional de Halliday and Hasan (1976), qual seja: ideacional, interpessoal e textual. Em consequência disso, Traugott e König (1991) defendem a existência de três componentes semântico-funcionais envolvidos no processo de subjetivação: *proposicional*, *textual* e *expressivo*. Esse contínuo pretende

⁵ A noção de tópico, em acepção ampla, é assim definida: “adoto a noção de tópico discursivo, designando com isso o tema discursivo, aquilo sobre o que se está falando num discurso... não necessariamente considerando a frase” (MARCUSCHI, 2008, p. 134-135). Para Givón [1984]2011, O tópico discursivo caracteriza-se por possuir uma dimensão sintático-discursiva, já que, para este, a sintaxe emerge do discurso, e todo fenômeno pressuposicional é pragmático. Nesse contexto, o tópico discursivo “envolve as pressuposições que o falante possui acerca da habilidade do ouvinte de identificar a referência dos argumentos” (GIVÓN, ([1984]2011), p. 90), e “atua como eixo responsável por conduzir os discursos, o fio condutor que permite ao ouvinte identificar o referente discursivo, para que assim possa retomá-lo, dando continuidade de modo a manter a linearidade informacional” (FREITAG; BARRETO, 2009, p. 249).

⁶Em sentido amplo, os estudiosos definem gramaticalização como um processo pelo qual itens lexicais, em determinados contextos, tornam-se gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 1993).

mostrar que, quando há mudança de significado pelo processo de gramaticalização, o direcionamento se dá a partir do componente proposicional para o expressivo, sendo opcional passar pelo textual, não se admitindo, portanto, a direção contrária. Esse percurso implica acrescentar alguma nuance pragmática à forma linguística.

Para Herring (1991), esse aumento de significado expressivo e pragmático na expressão gramatical da mudança linguística, como propõe Traugott e König (1991), pressupõe que antes tais significados não eram veiculados, ou eram muito pouco, o que torna difícil sustentar esse posicionamento por falta de evidência empírica; e que considerar o nível lexical da proposição como a origem da gramaticalização está:

Em desacordo com as descobertas de um crescente corpo de pesquisadores que apontam para as origens pragmático-discursivas de um número de elementos gramaticais. Desse modo, Givón (1979) tem argumentado a favor da base discursiva diacrônica de relativizadores e causativadores morfológicos, e outros tipos de subordinadores oracionais em outras línguas. Hopper (1979, 1982, for Literacy Malay) e Herring (1988, for Tamil) têm apontado a possibilidade de elementos de foco discursivo-pragmático se desenvolverem em marcadores de aspecto perfectivo (HERRING, 1991, p. 254)⁷.

Assim, Herring (1991) reivindica, nessa citação, que não se deve considerar a gramaticalização apenas pela perspectiva diacrônica, ou pelo princípio da unidirecionalidade, mas também levar em conta fatores de ordem pragmático-discursivos que podem operar na gramaticalização de elementos gramaticais, a partir de outra perspectiva que vai do discurso à gramática. E atesta que há evidências de que elementos gramaticais autônomos podem surgir do léxico individual. Se o elemento for gramatical, surge do nível proposicional, ou a fonte de gramaticalização pode ser o contexto discursivo mais amplo.

Por meio dessas observações, é ampliado o escopo em que se podem captar os mecanismos que motivam os processos de gramaticalização das perguntas retóricas, considerando-se a relação que se estabelece entre gramática e discurso, como foi mencionado anteriormente na seção que trata do funcionalismo linguístico. A defesa da autora tem por fundamento a afirmação de Givón (1979, 9. 209-210), segundo o qual a sintaxe de hoje é o discurso de ontem, a partir do ciclo: *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfofonologia* > *zero*, ou seja, esse autor toma como ponto de partida o discurso para explicar a mudança linguística.

Para finalizar essa seção, discutimos mais um questionamento de Herring (1991), não menos importante que os outros: para captar os mecanismos que envolvem

⁷ is at odds with the findings of a growing body of researchers that point to the discourse-pragmatic origins of a number of grammatical elements. Thus Givón (1979) has argued in favor of the diachronic discourse basis of morphological relativizers, causativizers, and other types of clause subordinators in a variety of languages; Hopper (1979, 1982, for Literary Malay) and Herring (1988, for Tamil) have pointed out the possibility of discourse/pragmatic focus elements developing into markers of perfective aspect [Tradução nossa].

a gramaticalização de funções discursivas, como, por exemplo, a gramaticalização de perguntas retóricas, deve-se recorrer aos mesmos mecanismos que explicam a mudança do significado lexical, ou devem-se formular outros que considerem as funções comunicativas? Em nossa opinião, trata-se de uma tomada de decisão que reflete um posicionamento teórico-metodológico. Já que a análise não se centra no léxico, como se tem feito na maioria dos estudos, a agenda de investigação deve pautar-se em fatores funcionais e discursivos, em que se considerem as questões de base contextual-interativas em um movimento de direção à codificação linguística. O que propomos, de início, é que, para atingir esse objetivo, tem-se de fazer uma delimitação teórica consistente do que se entende por léxico, gramática e discurso, pois só assim se poderá vislumbrar a possibilidade de se construir uma metodologia que dê conta da gramaticalização das funções pragmático-discursivas, na forma como é proposta.

Para atingir os propósitos dessa pesquisa, a gramaticalização de perguntas retóricas é mostrada na seção de análises de dados, em conformidade com os parâmetros fornecidos por Herring (1991) e de acordo com o contínuo delineado por nós a partir do protótipo de perguntas. Isso implica um recorte de ordem teórico-metodológica, o qual é discutido nas análises dos dados. Na sequência, dissertamos sobre o processo de discursivização.

3. O processo de discursivização das perguntas retóricas

O processo de discursivização é considerado um meio pelo qual itens que estão regularizados na gramática passam a atuar no discurso, exercendo funções pragmático-discursivas. Vicente *et.al.*, (1993, *apud* VALLE, 2000) enumeram os princípios que caracterizam esse processo, quais sejam: a) perda de complexidade semântica e significação sintática; b) ganho de significação pragmática; c) distinção de outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase; e d) tendência a desenvolver um uso opcional e à diversificação de suas posições na frase.

Esses princípios são diferentes daqueles que explicam a gramaticalização pela diacronia, ou unidirecionalidade, sendo considerados, por alguns, processos inversos. Valle (2000) ressalta que nem sempre é fácil distinguir quais os limites entre a gramaticalização e a discursivização, e cita, como exemplo, os marcadores discursivos (MDs), que antes eram explicados pelo processo de discursivização; recentemente, vem sendo abordado pelo da gramaticalização. Essa autora pergunta se os dois processos são realmente distintos, e se existe de fato o processo de discursivização, e dá a resposta na continuidade de seu artigo.

Valle (2000) põe em dúvida uma análise realizada por Traugott (1995) sobre três MDs, *indeed*, *in fact*, *besides*, em que esta afirma que tanto esses como os outros marcadores são explicados pelos princípios da gramaticalização, mesmo aqueles que não apresentam características condizente com tal processo. Acresce, ainda, que os MDs não ferem o princípio da unidirecionalidade, como muitos estudiosos afirmam, e integra à sua definição de gramaticalização aspectos como inferências, topicalizações e dêixis.

Para Valle (2000), mesmo que se amplie a concepção de gramática, é impossível incluir, nesse âmbito, o aspecto interativo que se instaura entre o falante e o ouvinte no

momento de fala. Desse modo, os MDs de base interativa passam pelo processo de discursivização, ao contrário do que Traugott (1995) propõe.

Seguindo essa linha de raciocínio, Martellota (1996) argumenta que os MDs devem ser divididos em duas classes: os responsáveis pela organização do texto, que exercem as funções de conexão, retomada, resumo etc; e aqueles que exercem funções além do texto: os que atuam no processamento cognitivo, na interação entre interlocutores, na verificação do canal comunicativo etc. Este autor define discursivização, como:

Um processo em que os elementos perdem função lexical e gramatical para ficar a serviço da organização da linha de raciocínio na fala, funcionando como marcadores discursivos, que, ora marcam uma retomada da linha de raciocínio perdida (ou, de um modo geral, mudanças de estratégia comunicativa), reorganizando o discurso e ao mesmo tempo chamando a atenção do ouvinte para essa retomada; ora funcionam como artifício para o falante, sem perder a palavra, refletir sobre o que vai dizer, funcionando como preenchedores de pausa (MARTELOTTA, 1996, p. 146).

Nessa perspectiva, verifica-se que há um movimento, no processo de discursivização, em que os elementos partem da gramática para o discurso, a fim de organizarem o processo de raciocínio por meio de retomada, ou para ajudar os falantes a refletirem sobre o que vão desenvolver na sequência discursiva.

É importante justificar o porquê de se fazer menção aos estudos dos MDs: i) para demonstrar que nem todos podem ser analisados pelo viés da gramaticalização e ii) pelo fato de que itens como *ne?*, *entendeu?*, *sabe?*, *certo?* serem, frequentemente, tratados como MDs, como o faz Martellota (1996). Porém, nosso posicionamento é de que concordamos com a definição de *discursivização* dada por esse autor, mas destoamos dele no sentido de reivindicar o estatuto categorial das perguntas que funcionam como marcadores discursivos.

Desse modo, é importante destacar que, na perspectiva da discursivização, há um movimento de mudança que ocorre a partir da gramática em direção ao discurso; enquanto que, na gramaticalização, o movimento se dá de forma contrária: parte da dimensão discursiva para atuar no nível do texto, ou da gramática. O funcionamento desses dois processos é elicitado a seguir.

4. Aspectos metodológicos

Como sinalizado anteriormente, os dados analisados fazem parte de entrevistas sociolinguísticas, na modalidade narrativa oral, do *corpus* VALPAB - Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba -, que busca estudar o perfil linguístico da comunidade de fala de João Pessoa-PB, observando a relação de fenômenos linguísticos que ocorrem nos níveis fonético-fonológico e gramatical com fatores sociais que condicionam o funcionamento/movimento desses níveis.

A metodologia utilizada para a construção do *corpus* seguiu os preceitos da sociolinguística variacionista, a fim de verificar a realização de fala espontânea dos falantes dessa comunidade, nos termos de Labov (1966, [2008]). Para tanto, selecionou-se sessenta participantes que cumprissem os requisitos: i) ser natural de João Pessoa e ii) nunca ter se ausentado desta cidade por mais de dois anos consecutivos, em que se utilizou a técnica de amostra aleatória por área. Esta amostra foi estratificada de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização dos participantes. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas e de aplicação de ficha social.

A transcrição dos dados seguiu as seguintes normas: 1) pausas e interrupções: +; 2) a palavra sob dúvida está entre colchetes angulares <>; 3) cruzamento de vozes está sublinhado; 4) ponto de interrogação nas frase interrogativas e o de exclamação em frases exclamativas são mantidos; 5) os outros sinais de pontuação também são mantidos; 6) após a vogal alongada são colocados dois pontos; 7) para indicar a silabação é colocado o hífen no meio da palavra; 8) letras ou sílabas repetidas são transcritas; 9) palavra repetida está entre colchetes []; 10) atitudes não linguísticas do informante estão entre parênteses; 11) comentário de outro informante está entre barras //; 12) palavra ou trecho ininteligível está entre chaves { }; 13) no lugar do segmento apagado consta zero; 14) ausência de marca de concordância consta zero; 15) itens lexicais que fazem parte da fala coloquial são mantidos; 16) segmentos epentéticos são considerados; 17) casos de apagamento silábico são mantidos; 18) as monotongações são transcritas; 19) o acento deve ser colocado para evitar ambiguidade com outra forma existente.

Os dados são analisados de forma qualitativa, em que é feito um mapeamento dos contextos interrogativos presentes no *corpus*, em um primeiro momento, e depois passa-se ao controle das perguntas retóricas, a fim de verificar sua funcionalidade nos níveis da gramaticalização e da discursivização, como é feito a seguir.

5. Análise de dados

Uma vez que esta pesquisa tem como objetivo explicar o funcionamento das perguntas retóricas pelo viés da gramaticalização e da discursivização, faz-se necessário estabelecer os critérios que norteiam as análises dos dados, no que diz respeito ao aparato teórico apresentado, tanto no que se refere à gramaticalização, quanto à discursivização.

5.1. Critérios referentes ao processo de gramaticalização

Os parâmetros de análise sobre o processo de gramaticalização utilizados, neste estudo, têm por referência principal os postulados de Herring (1991), no que diz respeito à gramaticalização das perguntas retóricas. Esta autora define três tipos de PRs: as clássicas, as tematizantes e as tags, de final de sílaba. As clássicas são as PRs padrão, cuja resposta é pressuposta pelo falante em relação ao ouvinte; as tematizantes são as

perguntas formuladas e respondidas pelo próprio locutor; e as tags são as perguntas denominadas de marcador discursivo.

O que ela define como PR tematizante, nós denominamos de PSRs, devido à presença de resposta dada pelo locutor; o que ela denomina de PRs tag, denominamos de PR com o estatuto de MD, (PRMD), por se tratar de outra funcionalidade exercida pelas perguntas retóricas.

Assim, levando em conta os critérios delineados por nós para caracterizar as perguntas e de acordo com o contínuo de gramaticalização *plena>semirretórica>retórica*, consideramos somente a existência de perguntas retóricas, que têm funcionamento textual-discursivo distinto, haja vista o critério principal para sua classificação ser ausência de resposta.

Nesse contexto, delineamos dois tipos de PRs: PR clássicas, (PRCs), são formuladas para não serem respondidas, e funcionam mais como articuladoras de tópicos, apesar da persistência de nuances interativas; e PRs com estatuto de MD, PRMDs, que têm por função organizar o fluxo do discurso. Portanto, as análises das perguntas retóricas pelo viés da gramaticalização consideram o funcionamento da pergunta que se dá a partir do âmbito do discurso em direção à gramática, ou texto, considerando as abordagens de Herring (1991), que mostra que há atuação de forças pragmático-discursivas na gramaticalização das perguntas retóricas; de Sorjonen (2001), que argumenta que o par P-R funciona como articuladores no desenvolvimento textual e de Redeker (1991), que aponta para o funcionamento das perguntas no nível do texto.

5.2. Critérios referentes ao processo de discursivização

No que se refere ao processo de discursivização, nesta pesquisa, o foco recai sobre o funcionamento das PRs cuja atuação parte da gramática em direção ao discurso. Os critérios que balizam esta análise centram-se nos postulados de Valle (2000), que defende que há um fortalecimento pragmático, quando um determinado item sai da gramática em direção ao discurso, por perder restrição sintática; de Martellota (1996), que afirma que o processo de discursivização ocorre quando o item sai do léxico e da gramática para atuar na organização do discurso, embora tenhamos um posicionamento diferente, no que se refere ao entendimento do percurso de mudança dos MDs que atuam como pergunta; de Lenk (1998), que postula que os itens que funcionam como MD contribuem para a coerência global do texto; e de Schiffrin (1987), que assevera que os marcadores discursivos colaboram para a coerência local do discurso. A seguir, passamos as análises de dados, a partir do excerto [4], a saber:

Excerto [4]

E* Das festas do ano qual a que você mais gosta? E por quê?

I* Do São João. Gosto muito porque é muita gente... Tem deles que eu num [conhe], tem muita gente assim que eu num conheço. Porque tá assim ao redor daquela fogueira sozinho, né? aí, eu vou e chego pra perto e começo a conversa. Converso muito. Agora, converso assim

besteira, do tempo que era a minha vida, começo ri0, assim mesmo a gente conversa (VALPB, fala feminina, p.13, 2005).

Podemos observar que, no excerto [4], há a ocorrência da partícula *né*, que pelo viés da discursivização, trata-se de uma PR que funciona como marcador discursivo MD. Por um lado, houve a perda do traço [+presença de resposta], por outro, houve a manutenção do traço [+entonação ascendente], o que nos autoriza a afirmar que se trata de uma pergunta.

Esse olhar difere de algumas abordagens, como a de Martelotta (1996), por exemplo. Em sua análise, ele afirma que esse item segue um contínuo: *né?* pergunta não retórica > *né?* em pergunta secundariamente orientada para a resposta do ouvinte > *né?* como marcador discursivo > *né?* como preenchedor de pausa. Por esse contínuo, esse item perderia progressivamente os traços de *pergunta* ainda presentes, apesar de a mudança não ser discreta.

A nossa defesa centra-se no fato de que houve uma mudança no funcionamento item *né?*, a partir do contínuo citado, que vai de PP à PR. Tendo atingido o nível de PRMD, esse item passa a exercer multifunções na organização do discurso, mas continua sendo *pergunta*. É importante mencionar que o traço [+entonação ascendente], de ordem gramatical e exclusivo da categoria pergunta, (cf. SACKS, 1995), não deve ser, portanto, desprezado, pois esse item continua sendo interrogativo na forma, passando a exercer funções textual-discursivas. Mesmo que, em virtude de sua função, uma estrutura linguística possa funcionar como pergunta sem a marca de entonação ascendente, este traço é característico da categoria pergunta na língua portuguesa e em outras línguas indoeuropeias.

O funcionamento do item *né?*, em (4), quando explicado pelo processo de discursivização, aponta para um fortalecimento do componente pragmático, no sentido de que não obedece mais a restrições sintáticas no nível da gramática, passando a atuar no nível do discurso. Assim, quando o falante faz uso de tal pergunta com a finalidade de verificar o que foi dito, manter a atenção do ouvinte e obter aprovação para o que está sendo dito, tal uso configura uma marcação de relação interpessoal, que tem por função organizar o discurso (cf. VALLE, 2000). Isso é uma evidência de que houve perda de conteúdo semântico [+ busca de resposta] da pergunta em função do estabelecimento da interação entre o falante e o ouvinte.

Lenk (1998) assegura que os MDs contribuem para a coerência global do discurso, na medida em que os interlocutores atuam de forma conjunta para o estabelecimento da unidade global dotada de sentido, que é o discurso. Ele afirma, ainda, que cada participante do diálogo desenvolve um modelo a respeito de como os outros podem interpretar as informações instauradas no discurso e de como outros veem a construção da coerência discursiva. Nesse sentido, o falante faz uso de MD para mostrar ao ouvinte como as partes do texto se articulam.

Já na perspectiva da gramaticalização, para Herring (1991), trata-se de um caso de pergunta que passa pelo processo de gramaticalização devido a motivações comunicativas. Nesse caso, o item *né?*, no excerto [4], exerce a função de preservar a ordem das informações novas e velhas no texto. É como se fosse um movimento

contrário ao da discursivização, já que atua por articular informações durante o sequenciamento de turnos. Nesse caso, o item *né?*, em [4], articula o tópico precedente: *a gente conhecida e que ficar só ao redor da fogueira* com o tópico subsequente: *vou e chego perto para conversar*, tal articulação estabelece um movimento responsável pela coesão tópica do texto.

Acreditamos que esses dois campos, gramaticalização e discursivização, precisam melhor ser fundamentados teórica e metodologicamente. Redeker (1991) acredita que a função de um marcador não é a de relacionar porções do discurso, mas a de associar a informação que foi dita no contexto imediato, em que os interlocutores estão envolvidos, como é o caso do item *né?*, no excerto [4]. Isso sinaliza que, para este autor, os MDs funcionam no nível do texto sob o escopo da gramaticalização.

No excerto (5), pode-se observar outra ocorrência de PRMD:

Excerto [5]

E* Aí, você vai pra casa da sua mãe, é?

I* É. Aí quando é no out0o dia, ele di0: “Fia, cadê Deisinha?”, ela di0 assim: “Tu num já arengasse cum ela. Num mandasse ela ir-se embora!”, ele: “Eu mandei!?”, ela diz: “Mandou sim, que eu vi aqui”. Teve um dia que a mãe dele deu nele. Deu nele:, porque ele tava dando neu. {Inint.} por uma parte ela é boa:, may0 po0 outra ela num é. Que por uma parte, às veze0, as coisa0 dela:, porque eu num tenho uma sombrinha, *sabe?* Aí, quando tá choven0o, assim, aí: eu vou pedi0 a ela, aí quando as filha0 dela arenga comigo, ela vai e manda pega0 a subrinha. Eu digo assim: “Isso é a avó:, que é muito boa” (VALPB, fala feminina, p.15, 2005).

Nota-se, em [5], outro exemplo de PRMD, o item *sabe?*. No âmbito da discursivização, ao fazer uso dessa pergunta, de modo semelhante ao que acontece com *né?*, o falante pede apoio discursivo/avaliativo para o que está sendo desenvolvido no fluxo do discurso, denominado por Valle (2001) de RAD, *Requisito de Apoio Discursivo*, que tanto exerce a função de focalizador da porção textual mencionada antes, como também fornece pistas contextuais para a sequência discursiva que vem depois. O elemento *sabe?* retoma o tópico adjacente anterior *eu num tenho uma sombrinha*; aponta para a informação que vem na sequência *quando está chovendo vou pedir a ela* e pede apoio discursivo ao ouvinte, que é uma marca de uso pragmático. Por esse contexto, a pergunta perde o traço [+presença de resposta] para funcionar no nível do discurso por meio das motivações comunicativas dos falantes, que estão relacionadas com a organização e reorganização do fluxo discursivo.

Schiffrin (1987) assume que os MDs são usados tanto para relacionar partes adjacentes do discurso como para estabelecer relações com o contexto extraconversacional, o que contribui para a coerência local do discurso. É o caso do item *sabe?* mostrado em [5], que retoma a porção textual adjacente anterior, e, ao mesmo tempo, é usado para estabelecer interação com o ouvinte.

É importante notar que Lenk (1998) afirma que nem todos os MDs contribuem para relacionar formas adjacentes, pois há os que retomam partes do discurso que estão distantes e contribuem para coerência global do discurso.

No que diz respeito ao âmbito da gramaticalização, Herring (1991) argumenta que a atuação de *sabe?* ocorre no nível da organização textual, uma vez que tal elemento pode ser desmembrado em oração conjuntiva, do tipo: *eu, que não tenho sombrinha, quando está chovendo, vou pedir a ela*, configurando-se em um uso que obedece a restrições sintáticas. A autora menciona, também, que as PRMDs atuam no texto por exercerem funções anafóricas e catafóricas, com perda de marcação pragmática. No entanto, na perspectiva da discursivização, Martellota (1996) e Valle (2000) ressaltam que esses elementos não possuem autonomia sintática porque são empregados pelos falantes como estratégias de organização contextual no desenvolvimento do fluxo de informações.

O que observamos, nos dados, é que o mecanismo de conectar, por meio de anáfora e catáfora, as informações do texto é mais desempenhado pelas PRCs, já que estas articulam o texto por meio de retomadas e de progressões que ocorrem durante o desenvolvimento dos turnos conversacionais.

Na sequência, analisamos o funcionamento de uma PR, por meio do processo de gramaticalização, em que se percebe uma diminuição das nuances pragmáticas, em um movimento denominado por Herring (1991) de desubjetivação, movimento que parte do discurso para atuar no nível do texto. O excerto [6] apresenta um exemplo de PR que tem por função o desenvolvimento do tópico discursivo, qual seja:

Excerto [6]

E* Quem é Deus para a senhora?

I* Ah, Deus é muito é muito importante para noys. Só ixiste um-- Sem ele agente vive? Então pronto (VALPB, fala feminina, p. 250, 2005).

No excerto [6], a informante formula uma pergunta que não é respondida. Para Herring (1991), esse tipo de PR funciona no nível do texto. Nesse excerto, o entrevistador aciona um tópico em sua pergunta, e esse tópico é retomado na resposta da informante, que, por sua vez, formula outra pergunta, codificando o mesmo tópico, com um estatuto pressuposicional de que o ouvinte já sabe a resposta. Tanto é que a informante encerra o turno, concordando com a aquiescência implícita de seu interlocutor. Pode-se salientar, ainda, o papel dessa pergunta para a sequenciação das ações textuais que vêm adiante, isto é, seu papel no encadeamento tópico e na organização do texto. O escopo de atuação da PR em (6) não é no uso pragmático que se instaura entre os interlocutores, e sim na composição do texto, o que demonstra, por meio do processo de gramaticalização, o enfraquecimento de base interativa, que Herring (1991) denomina de desubjetivação.

Além disso, a informante poderia ter respondido à pergunta sem formular outra, porém o fez como estratégia de encadeamento e para tornar menos complexa a codificação linguística, pois, caso tivesse desmembrado a pergunta em asserções, teria de usar mais material linguístico para codificar a informação e, conseqüentemente, o

ouvinte teria de fazer um esforço cognitivo maior para entendê-la, de acordo com princípio da iconicidade, nos termos do funcionalismo linguístico.

Em [7], é possível observar que a informante instaura, em sua resposta, os tópicos *governador* e *maldade*. Depois de formular uma PRMD, reativa o tópico *maldade*, que tinha sido suspenso, em forma de PRC, que tem por função o desenvolvimento tópico e o sequenciamento das informações do texto, veja:

Excerto [7]

E* Uma notícia que a senhora leu no jornal?

I* Essa agora desse desse desse esse governadoø {inint} fazer essa maldade cum Burity. *Essa foi essa foi eu num sei não, meu Deuø, porque quando um pobre [fai-] é porque é ignorante, né? E uma pessoa letrada no poder, heim? *Fazeø uma maldade dessa?* *Um, uma pessoa dessa, cum um ser humano, um [home-] tão bom como é Burity! *Porque ele é uma boa pessoa ele é boa pessoa. *Mais como a pessoa tem um um momento de loucura, às [vei-], né? Disse que a pessoa as vezes {inint} tem um minuto de loucura. *Ele teve esse minuto, né? de loucura. *Mais Deus perdoa. *Eu rezei muito pra ele e pra o que foi agredido (VALPB, fala feminina, p. 299, 2005).

As estratégias interrogativas visualizadas, no excerto [7], evidenciam, mais uma vez, o funcionamento da PRMD na organização textual, como preconizam as observações feitas a partir do campo da gramaticalização, já que os falantes codificam conhecimentos epistemológicos no texto que são retomados por meio de perguntas, ou são introduzidos na pergunta para serem desenvolvidos no texto, (cf. SORJONEN, 2001).

Por fim, em [8], evidencia-se mais uma ocorrência de PRC como estratégia de organização textual, nos termos da gramaticalização, em que a esposa começa sua resposta, que versa sobre separação, falando do marido. No início da resposta, ela argumenta que casou com ele sem gostar, e questiona esse fato a partir da frase *eu não sei como foi isso minha filha*. Na sequência, ela formula uma PRC, que retoma essa dúvida sinalizada por ela anteriormente, observe-se:

Excerto [8]

E* Porque a senhora se separou de seu segundo esposo?

I* Maiø não foi eu, foi ele. Por mim ele ainda estava aí. Sem gostar mesmo ela ainda tava aí. Que eu não [gosta] eu não goxtava [daque], eu não sei como foi isso minha filha. Dentro de três meses o o -- foi um casamento de repente. Também só durou um ano e nove meseø. Com um ano e nove meseø, ele mesmo foi simhora. Pque ele foi-se embora duas vezes, nas três eu disse que ele num voltava mais não. {inint} *agora eu, que adiantou?* Hein? Agora eu num, eu fico em dúvida. Eu não sei como foi isso? Inté eu mesmo {inint} fico sem saber. O que foi que houve não (VALPB, fala feminina, p. 246, 2005).

Percebe-se, em [8], que a PRC articula porções do texto por meio de um movimento de retomada de segmentos tópicos instaurados anteriormente, como *eu não gostava [daque], foi um casamento de repente, também só durou um ano e nove meses*, o que contribui para a coesão textual e para progressão tópica do texto.

Os exemplos mencionados corroboram com as afirmações de Herring (1991), quando afirma que as PRs são responsáveis pela organização geral do texto, por meio de um movimento de retomada e de progressão das ideias veiculadas, e que seu uso está relacionado com as estratégias comunicativas dos interactantes.

As PRs, portanto, tanto podem ser explicadas pelo processo de discursivização, como é o caso da PRMD, que, nesse caso, tem o componente interpessoal, ou pragmático, fortalecido, como também podem ser explicadas pelo processo de gramaticalização, quando funcionam como mecanismo de coesão textual, articulando partes do texto por meio da progressão tópica e contribuindo para coerência global do texto, como é o caso das PRCs.

Algumas considerações

Esse artigo teve como objetivo investigar o funcionamento das PRs pelos processos de gramaticalização e de discursivização. A partir da teoria da prototipicidade, elaboramos dois critérios que caracterizam uma pergunta prototípica: [+entonação ascendente] e [+busca de resposta], sendo este último o mais prototípico da categoria pergunta, uma vez que a função canônica de uma pergunta, na língua, é buscar uma informação do ouvinte. Nesse contexto, fizemos uso de um contínuo de gramaticalização de pergunta: PP>PSR>PR, tendo por base o traço mais prototípico da categoria: [+presença de resposta], o qual é menos marcado nas PPs; nas PSRs, é o próprio falante quem responde a pergunta, o que sinaliza um redirecionamento na realização desse traço; e, por fim, esse traço é apagado na realização das PRs.

Devido aos critérios de caracterização de perguntas, decidimos dividir as PRs em duas categorias: i) PRMD, pergunta retórica com estatuto de marcador discursivo; e ii) PRC, pergunta retórica clássica, as quais podem ser explicadas tanto pelo processo de gramaticalização, como pelo processo de discursivização, embora a divisão desses dois processos nem sempre seja clara.

Assim, constatamos que as PRMDs, pela perspectiva da discursivização, funcionam a partir de um movimento que parte do texto em direção ao discurso, cumprindo as funções interpessoais: i) buscar a aquiescência do ouvinte para o que está sendo dito, RAD, e ii) pedir a avaliação/aprovação do ouvinte para a porção do texto mencionada anteriormente, o que possibilita afirmar que há uma motivação pragmática bastante acentuada no uso dessas perguntas.

No que diz respeito ao processo de gramaticalização das PRMDs, constatamos que estas atuam como mecanismo de coesão textual por conectar partes do texto, preservando a ordem entre as informações novas e as velhas, durante o desenvolvimento textual, como afirma Herring (1991).

Afirmamos, também, que, mesmo na função de MD, as PRMDs continuam sendo perguntas, uma vez que preservam o traço [+ entonação ascendente], que é característico da categoria pergunta na língua.

No que se refere à gramaticalização de PRC, observou-se que o movimento de mudança é de base organizacional-discursiva, que parte do discurso para a gramática, nos termos de Herring (1991), por meio de reanálise de função para organização textual, passando a funcionar como mecanismo de coerência e coesão no nível do texto e como estratégia de articulação tópica. Nos dados do *corpus*, as PRCs parecem ser as que mais funcionam como mecanismos de coerência e coesão textual, sendo que uma análise estática poderia confirmar essa hipótese.

Por fim, fica claro que as perguntas retóricas podem assumir várias funções tanto no nível do texto como no do discurso, o que nos leva a afirmar que estas perguntas são de fundamental importância no uso da língua, no que diz respeito à estruturação textual-discursiva.

Esse estudo contribui com as pesquisas que atuam na área da gramaticalização, da discursivização, da análise do discurso e com as pesquisas que investigam o funcionamento do par P-R em contexto de uso.

Rhetorical questions: between grammaticalization and discursivization

ABSTRACT: This article aims to study the rhetorical questions in the light of linguistic functionalism, with regard to grammaticalization and discursivization processes (VALLE, 2000; Herring, 1991). In order to do this, a qualitative mapping of the interrogative contexts is done, in which the functioning of the question-answer pair of the rhetorical questions is more precisely controlled. The data show that in addition to function on the text organization as coherence and cohesion mechanisms, rhetorical questions perform pragmatic-discursive functions of interactive base.

Keywords: rhetorical questions; linguistic functionalism; grammaticalization; discursivization.

Referências

FRANK, J. You call that a rhetorical question? Forms and Functions of Rhetorical Questions in Conversation. *Journal of Pragmatics* (14), 1990, p. 723-738.

FREITAG, R. M. K ; BARRETO, E. A. Procedimentos discursivos na escrita de Itabaiana/SE: estratégias de sequenciação de informação. *Scientia Plena*, v. 5, n.11, 2009.

_____. “É o que?” Estratégia de interação ou de sequenciação?. In: Seminário do Gel, 57, *Programação*. Ribeirão Preto (SP): GEL, 2009.

GIVÓN, T. *Compreendendo a gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; Mário Eduardo Martelotta; Filipe Albani. Natal: EDUFRN, [1984]2011.

GIVÓN, T. *English Grammar: a function-based introduction*. Amsterdam/Filadélfia. John Benjamins Publishing. 1993.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HAIMAN, J. *Inconicity in Syntax*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

HEINE, B. *Auxiliares: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HERRING, S. The grammaticalization of rethorical questions in Tamil. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 253-285.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LENK, U. Discourse markers and global coherence in conversation. *Journal of Pragmatics*: 30,1998, 245-257.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELLOTA, M. E. ET AL. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

NEVES, M. H. de M. *A Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

OUSHIRO, L. *Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011. 174p.

REDEKER, G. Linguistic markers of discourse structure. *Linguistics*, 1991, 29: 1139-1172.

RODRIGUES, A. T. C. A prototipicidade das orações predicativas. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 197-202, 2º sem., 2001.

SACKS, H. *Lectures on conversation*. Malden, MA: Blackwell, 1995.

SANTOS, J. C. L. dos. *Estratégias de interrogação: pergunta-resposta no discurso de sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE. 2011.

_____. Usos prototípicos para respostas simples a perguntas polares no discurso de sala de aula. *E - escrita - Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v.5, Número 1, janeiro-abril, 2014.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. *Approaches to Discourse*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994, p. 144-189.

SORJONEN, M-L. Simple answers to polar questions. In: SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. (orgs.). *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

TAYLOR, J. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1989.

TRAUGOTT, E. C.; KONIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, vol. 1.

TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Department of Linguistics, Stanford University -Manchester, 1995.

VALLE, C. R. M. Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. In: *Working Papers em Lingüística*, 4. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

_____. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

VALPB – *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*, 1993.

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. In: *Langues et Linguistique*, n. 19, p. 71-113, 1993.

Data de envio: 12/05/2014
Data de aceite: 16/03/2015
Data de publicação: 23/04/2015